

A FOLHA

NOVA IGUAÇU, 14 DE MARÇO DE 1976

ANTÔNIO PEDRO, O OPERÁRIO PADRÃO

Antônio Pedro, como muitos outros companheiros de fábrica, que moram em Nova Iguaçu, levanta-se, diariamente, de madrugada, para apanhar a condução para o trabalho. Ele veio de Minas. A grande maioria de seus colegas também vieram do interior. São descendentes de agricultores, donos de pequenos sítios ou "puxadores de enchada" nas fazendas dos outros. Antônio Pedro também puxou enchada no eito desde menino até rapazinho, quando largou tudo para trás e veio com o sonho de subir na vida. A família de Antônio Pedro era numerosa: 14 irmãos. O sítio do pai, pedaço desmembrado do que foi a grande fazenda do avô, não podia ser mais dividido. Antônio Pedro entendeu que tinha de sair. Sua saída era até um ato de amor aos outros irmãos: deixava sobrevivência para os que ficavam. "Sempre algum há de ficar. Eu me vou e, se der certo, levo quem quiser ir mais eu". A vida na roça tinha seus encantos. Até hoje ele se recorda, com saudades, das festas da Semana Santa e dos leilões do mês de maio. Mas os recursos eram insuficientes e a situação forçava a procurar melhores condições noutro lugar. E a solução que se apresentou foi a cidade grande. Não levou muito tempo para descobrir que a vida no Rio de Janeiro era dura, mas oferecia melhores condições de viver, e isto bastava para não ter vontade de voltar atrás. Antônio Pedro chegou com 20 e conta, agora, com 45 anos. Em todo esse pedaço de tempo, ele mudou muito. Primeiro foi na religião: deixou de ir à missa. E ninguém se incomodou com sua ausência. Só agora é que andavam convidando a ele e à mulher (está casado há 15 anos) para umas reuniões de estudo do Evangelho. Outra mudança, logo que chegou, foi nas coisas do sexo. Na roça, estava de tal modo ocupado com o trabalho que o sexo quase não tinha vez. Era só à noite com a prostituta, no fim da rua, ou, para os homens casados, com a esposa. O resto do dia, "alguma conversa feia", enquanto capinava, e os pais estavam longe, ou algum sonho acordado de que se acusava na confissão, feita na Semana Santa, como "maus pensamentos e maus desejos". Na cidade, o trabalho ficou mais regulado pela lei, menos penoso, mas também mais fastidioso. Se o espírito estava menos ocupado com o trabalho, o sexo ocupava mais a consciência. Observou que os colegas de trabalho consumiam o sexo, como bebiam café: sem pensar.

Por sua vez as mulheres, libertadas de pegar filhos, estavam dando sopa: se tornavam, na cidade, pioneiras sexuais, mais competentes que na roça, a ponto de os maridos terem medo de não satisfazê-las.

Estas duas mudanças, a respeito da religião e do sexo, fizeram miséria na sua vida de jovem, a ponto de ser hoje um outro homem. No começo ficava baratinado com a transformação, e sem ter ninguém com quem falar. Seus colegas diziam: "deixa de ser babaquara, rapaz, você tem muito tabu".

Outra mudança do começo da vida de Antônio Pedro foi a vontade adoidada de comprar roupa bonita, de ter uma boa casa, televisão a cores, um carro. Mas a grana era curta. Suava sem parar em cima das máquinas, na fábrica, mas estava sempre mais para lá do que para cá. Só um prêmio na loteria daria todo o dinheiro preciso para seu desejo de comprar. Ainda hoje vive o dia todo imaginando, como todo mundo, o que compraria se tivesse dinheiro.

Depois de tantos anos, conseguiu sua casinha, em Queimados, mas não está satisfeito com a sociedade ou, como ele diz, com a sorte, mas não seria mais capaz de se acostumar com a roça. Agora é fé em Deus e pé na tábua. Ao trocar a roça pela cidade grande, a única alternativa foi o trabalho na fábrica, onde continua até hoje. Não tem mais esperança de subir, porque mal sabe ler e escrever. Não sabe bem por que a cidade não está boa mas não a recusa. Também não vê outra saída.

Nas últimas eleições, votou contra o governo, sem ilusão, porque sabe que deputado não pode fazer nada: "ganham dinheiro para ficar à toa". Na época das eleições prometem o que não podem e nem têm intenção de fazer. Discute com os companheiros o noticiário, fala de política quando o ambiente é de mais confiança. Sua opinião e a dos companheiros é que todo Presidente, que o povo elege, e que quer fazer alguma coisa pelos pequenos, eles derrubam. Não tem muita consciência da política. Um companheiro vive repetindo que o mal do operário é não ser politizado, e a elite não deixa fundar um jornal dos operários, discutir na televisão e no rádio os problemas deles. Nunca viu uma mesa-redonda de operários na televisão e sabe que nunca verá. Os programas populares são programas que eles fazem para o operário. Os jornais populares são jornais que a burguesia faz para o operário. Seu companheiro vive sonhando com um jornal, em que o operário possa dizer para todo o mundo a palavra que ele precisa dizer e só ele pode dizer. Esse paternalismo dos "grandes" é uma espécie de satanás habilidoso, ocupado em manter a gente acovardado e mudo. Como pode ter dignidade, um operário que sua, oito ou mais horas, em cima da máquina, e não pode dizer o que pensa e nem perguntar por que trabalha?

CATABIS & CATACRESES

É FÁCIL FALAR, O DIFÍCIL É FAZER

1. Estamos dentro da Campanha da Fraternidade, ilustre e bacaníssimo leitor. Sim, dentro da Campanha. E daí? Daí que tens de pensar e refletir sobre se és irmão dos teus irmãos. Parece até conversa fiada, né?
2. O sujeito disse que ama o Cristo, que descobriu o Cristo, que o Cristo é a palavra encarnada, etc. e tal. Eu não conhecia o Cristo, eu vivia pensando que vivia, mas não vivia não, eu era um cadáver ambulante, quase fedendo.
3. E o sujeito foi por aí a fora, contando como era e como é, como Cristo tomou conta da vida dele e o transformou de morto em vivo, de treva em luz, de desespero em esperança, patati, patatá, não há nada como viver no Cristo, do Cristo, com o Cristo, para o Cristo, etc. e tal.
4. São coisas lindas, leitor ilustre e bacaníssimo, coisas

lindas de dizer e de ouvir (inda que menos lindas de fazer). E se dizem e se ouvem e se repetem, e — de tanto repetir — ai! como se esvaziavam e esvaziavam a mensagem do Cristo.

5. Porque a mensagem do Cristo é sobretudo mensagem de fraternidade: "Vocês são todos irmãos" (Mt 23,8). Aí está o ponto. Todos somos irmãos. A Campanha da Fraternidade quer lembrar essa verdade simples e tão esquecida na vida complicada e dura que vivemos.

6. Sim, somos irmãos. E é precisamente essa dimensão da fraternidade o que vai provar e decidir se realmente encontramos o Cristo, se amamos o Cristo, se o Cristo tem sentido pra minha vida. Parece que tem cristão muito enganado, né?

JESUS VEIO PARA A TRANSFIGURAÇÃO DO MUNDO

Durante muito tempo, não entendi por que alguns comentaristas afirmavam que o singular episódio da vida de Jesus que lemos, neste domingo, é o ponto culminante do Evangelho segundo Marcos. Jesus vive um momento crítico de sua missão entre os homens: desprezado e rejeitado pelos chefes do povo, incompreendido pelas multidões, passa a dedicar mais tempo à instrução de seu pequeno grupo de amigos fiéis. O fim se aproxima e eles devem estar preparados para o pior. Chama, então, Pedro, que será o primeiro Papa, João, o discípulo amado, Tiago, o primeiro a morrer pelo Evangelho e sobe com eles a um alto monte. Estes mesmos discípulos foram os escolhidos para assistir a cura da filha de Jairo e estarão perto dele na agonia do Jardim das Oliveiras.

No alto do monte, Jesus antecipa para eles a glória de sua ressurreição. Começa a rezar e se transfigura: seu rosto mudou, "sua roupa ficou muito branca e brilhante, mais do que qualquer verdadeira seria capaz de deixar".

Moisés e Elias, os maiores homens do passado, apareceram em reconhecimento de

sua superioridade, e uma voz veio do céu: "Este é meu Filho único. Escutem o que ele diz!" Pedro, Tiago e João ficaram apavorados, sem saber o que falar.

A primeira vista, é um episódio estranho, que só ficou bem entendido depois da morte e ressurreição de Jesus. Nele, Jesus revela quem ele é e qual a sua missão. É o Filho de Deus, irrupção da glória de Deus no mundo visível. "Luz da luz, gerado não criado, consubstancial ao Pai", rezamos nós no Creio desta Missa de hoje. Deixou ver a luz que ele é. Quem segue a luz não anda nas trevas. É preciso ouvi-lo — "escutem o que ele diz" — digam o que dele disserem. É preciso segui-lo aconteça o que acontecer. Pedro, Tiago e João e todos os outros deverão confiar nele, mesmo quando o virem preso, desprezado pelos juizes, ridicularizado, condenado e pregado na cruz.

O episódio da transfiguração revela também o que Jesus veio fazer: veio para a transfiguração do homem. Feito à imagem de Deus, esta marca está no homem, mas não aparece em seu rosto desfigurado, está enfermo pela malícia do

coração: o sinal da imagem divina ficou ofuscado. A fealdade do pecado se misturou à beleza da imagem divina e o homem perdeu seu esplendor. Nele, o medo se mistura à audácia, à mesquinha, à magnificência, à dúvida, à fé, o desamor ao dom de si, o orgulho à procura da verdade, a paz à violência, a fraternidade à ambição dos próprios interesses. O rosto do homem se tornou cínico; um rosto confuso, angustiado, marcado pela graça, ferido pelo pecado. Rosto de temor e de paz, de sedução e decepção, de fé e incerteza.

No rosto humano de Jesus transfigurado, a imagem de Deus se deixou ver, a beleza da graça divina transpareceu. A glória que estava nele irrompeu por uns momentos, como por antecipação, antes de sua manifestação definitiva depois de passar pelo sofrimento e pela morte.

A missão da Igreja é também transfigurar o mundo, mas não pode cumpri-la sem passar pelo sofrimento, pela incompreensão e perseguição. A transfiguração do mundo não se faz do alto de um monte, ditando normas para os outros praticarem, mas empenhando-se na luta.

14 DE MARÇO DE 1976 — 2º DOMINGO DA QUARESMA

1. CANTO DE ENTRADA

(Missa «Caminhar juntos», José Weber)

Estrilho: Juntos como irmãos, / membros da Igreja, / vamos caminhando, vamos caminhando. / Juntos como irmãos, ao encontro do Senhor.

1. Somos povo que caminha / num deserto como outrora / lado a lado sempre unidos / para a Terra Prometida.

2. Na unidade caminhemos / foi Jesus quem nos uniu. / Nosso Senhor hoje louvamos: / Seu amor nos reuniu.

3. A Igreja está em marcha: / a um mundo novo vamos nós / onde reinará a paz / onde reinará o amor.

2. ACOLHIDA

C. Em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo.

T. Amém.

C. A imagem tradicional da Igreja era a de uma Igreja estabelecida, sempre a mesma, imutável, como um rochedo no meio da tempestade. Depois do Concílio Vaticano II a imagem é outra: A Igreja somos nós um povo em marcha.

T. Nós somos um povo que caminha / sob o impulso do Espírito Santo / buscando o Reino da Justiça e da Paz. / Caminhamos juntos / professando a mesma fé / sob a lei do amor a Deus com o Pai, e ao Próximo como irmão.

3. RECONCILIAÇÃO

C. O Evangelho deste domingo nos convida a vencer o comodismo e a trabalhar na difícil tarefa de transformação do mundo e dos homens. Examinemos nossa vida de comunidade. Não podemos ser cristãos sozinhos: temos interesse pelos problemas do mundo em que vivemos?

Procuramos conhecer a causa destes problemas? Procuramos saber como funciona a nossa sociedade? Que influência exercemos para melhorar nossa família? Nosso bairro? Nossa Paróquia? Nossa comunidade católica se mexe ou é acomodada? Indiferente ao que se passa? Examinemos também se caímos no pessimismo, se perdemos a esperança ou se somos subservientes diante dos poderosos e prepotentes diante dos pequenos. (Silêncio).

C. Senhor, somos pecadores e de muitos modos praticamos o mal, tende piedade de nós.

T. Pequei, Senhor, misericórdia (cantado).

C. Senhor, ofendi a vossa lei que manda amar ao próximo como a nós mesmos.

T. Pequei, Senhor, misericórdia.

C. Tende piedade de vosso povo, perdoai seus pecados e ajudai-o a perseverar no bom caminho.

T. Pequei, Senhor, misericórdia.

C. Deus, fonte de toda salvação, nos ensine a viver com toda sobriedade, justiça e piedade e por sua misericórdia nos conceda o perdão de nossos pecados e nos conduza à vida eterna.

T. Amém.

4. ORAÇÃO

C. Senhor, de nada serve saber de cor os mandamentos e não os observar, de nada serve falar do Evangelho e não o viver. Jesus Cristo, vosso Filho, não foi indiferente, imóvel e instalado, mas compadeceu-se do sofrimento dos homens, e foi corajoso e disposto na luta contra o mal até à morte na cruz. Fazei-nos fiéis à sua palavra e a seu exemplo. Nós vo-lo pedimos pelo mesmo Senhor Jesus Cristo, na graça do Espírito Santo.

T. Amém.

5. I LEITURA

Abraão foi provado em sua fé e não vacilou.

Leitura do Livro do Gênesis (22,1-2; 10-13;15-18):

Naqueles dias, Deus quis provar Abraão e lhe disse: «Abraão!» «Eis-me aqui», respondeu ele. Disse-lhe Deus: «Toma teu filho único, que tanto amas, Isaac, e vai à terra de Moriá, e oferece-me ali em sacrifício sobre um dos montes que eu te indicarei». Chegando ao lugar indicado por Deus, Abraão ergueu o altar, sobre o qual dispôs a lenha, e, amarrando seu filho Isaac, o pôs sobre o altar por cima da lenha. Depois Abraão estendeu o braço e tomou a faca para imolar seu filho. Mas o anjo do Senhor gritou-lhe do céu, dizendo: «Abraão, Abraão!» E ele respondeu: «Eis-me aqui!» Disse o anjo: «Não levantes o braço contra o menino e não lhe faças mal, porque agora sei que temes a Deus, pois por amor de mim não poupaste o teu filho, o teu unigênito».

Então, Abraão ergueu os olhos e viu atrás de si um carneiro preso pelos chifres entre os espinhos; tomando-o, ofereceu-o em sacrifício em substituição ao seu filho. A seguir o anjo do Senhor chamou Abraão. do céu, pela segunda vez e disse-lhe: «Juro-te por mim mesmo, que como recompensa por teres feito tal coi-

sa, por não te recusares a oferecer-me o teu filho, o teu unigênito, cumular-te-ei de bênçãos e farei a tua posteridade numerosíssima como as estrelas do céu, e como a areia da praia do mar, e tua descendência ocupará as portas dos seus inimigos; e na tua descendência dir-se-ão benditas todas as nações da terra, em prêmio de me haveres obedecido». — Palavra do Senhor.

6. CANTO DE MEDITAÇÃO

(Missa «Caminhar juntos», Pe. José Weber)

Estrilho: Eis o tempo de conversão, / eis o dia de salvação: / ao Pai voltemos, / juntos andemos. / Eis o tempo de conversão.

1. Os caminhos do Senhor / São verdade, são amor. / Dirigi os passos meus: / em vós espero, ó Senhor! Ele guia ao bom caminho / quem errou e quer voltar; / Ele é bom, fiel e justo: / Ele busca e vem salvar.

2. Viverei com o Senhor: / Ele é meu sustento, / Eu confio mesmo quando / minha dor não mais agüento. / Tem valor aos olhos seus / meu sofrer e meu morrer. / Libertai o vosso servo / e fazei-o reviver! (Sl 115).

3. A palavra do Senhor / é a luz do meu caminho; / ele é vida e alegria: / vou guardá-la com carinho. / Sua lei, seu mandamento / é viver a caridade: / caminhamos todos juntos, / construindo a unidade! (Cf. Sl 118).

7. II LEITURA

São Paulo exorta-nos a nada temer porque Deus está conosco e a não nos separar, por nada deste mundo, do amor de Jesus Cristo.

Da Primeira Carta aos Coríntios (1,22-25): «Os judeus pedem milagres como prova, e os gregos buscam a sabedoria. Mas nós anunciamos o Cristo Crucificado — a mensagem que é ofensa para os judeus e loucura para os não-judeus. Mas para aqueles que Deus tem chamado, tanto judeus como não-judeus, Cristo é o poder de Deus e a sabedoria de Deus. Pois aquilo que parece ser loucura de Deus é mais sábio que a sabedoria humana, e aquilo que parece ser fraqueza de Deus é mais forte que a força humana.

8. ACLAMAÇÃO AO EVANGELHO

(Missa «Caminhar juntos», Miria Kolling)

1. Porque és, Senhor, o caminho / que devemos seguir:

Estrilho: Nós te damos, hoje e sempre, toda a glória e louvor.

2. Porque és, Senhor, a verdade / que devemos aceitar:

3. Porque és, Senhor, plena vida / que devemos nós viver:

9. III LEITURA

Jesus se transfigurou diante de Pedro, Tiago e João para que soubessem melhor quem ele era e o que

veio fazer no mundo.

Evangelho segundo Marcos (9,1-9): «E Jesus terminou, dizendo: — Lembrem-se disto: Há alguns aqui que ainda estarão vivos para ver o Reino de Deus chegar com poder. Seis dias depois, Jesus levou Pedro, Tiago e João, somente estes, e foi com eles para um alto monte. Ali, sua aparência mudou diante deles. Sua roupa ficou muito branca e brilhante, mais do que qualquer lavadeira seria capaz de deixar. Os três discípulos viram Elias e Moisés conversando com Jesus. Então, Pedro disse: — Mestre, é bom ficarmos aqui! Vamos fazer três barracas: Uma para o Senhor, outra para Moisés, e ainda outra para Elias.

Os discípulos estavam apavorados, e Pedro não sabia o que falar. Logo depois, uma nuvem cobriu a todos, e dela veio uma voz: — Este é meu Filho querido! Escutem o que ele diz!

Aí deram uma olhada rápida em volta, e viram somente Jesus com eles. Quando desciam do monte, Jesus deu ordem para não contarem a ninguém o que tinham visto, até que o Filho do Homem ressuscitasse.

10. PROFISSÃO DE FÉ

C. Creio em um só Deus, T. Pai todo-poderoso, / criador do céu e da terra. / Creio em um só Senhor, Jesus Cristo, / Filho unigênito de Deus, / Luz da luz, / Deus verdadeiro de Deus verdadeiro: / gerado, não criado, / consubstancial ao Pai. Por ele todas as coisas foram feitas. / Se encarnou pelo Espírito Santo, / no seio da Virgem Maria, / e se fez homem. / Também por nós foi crucificado sob Pôncio Pilatos; / padeceu e foi sepultado. / Ressuscitou ao terceiro dia / e subiu aos céus, / onde está sentado à direita do Pai. / E de novo há de vir, em sua glória, / para julgar os vivos e mortos; / e o seu reino não terá fim. / Creio no Espírito Santo, / que com o Pai e o Filho é adorado e glorificado; / Creio na Igreja, / una, santa, católica e apostólica. / Professo um só batismo para a remissão dos pecados. / E espero a ressurreição dos mortos / e a vida do mundo que há de vir. / Amém.

11. PRECES DOS FIEIS

C. Apresentemos, irmãos, nossos pedidos a Deus, nosso Pai, confiados nos merecimentos de Jesus Cristo que disse: "Tudo o que vocês pedirem ao Pai em meu nome, ele dará".

Para que aqueles que têm a responsabilidade de dirigir a Igreja dêem seu apoio a todos os que se dedicam ao progresso da humanidade, rezemos ao Senhor.

T. Senhor, escutai a nossa prece.

C. Por aqueles que governam, para que se esclareçam sobre as causas das desigualdades sociais e não tenham medo dos que delas se aproveitam de modo egoísta, rezemos ao Senhor.

T. Senhor, escutai a nossa prece.

C. Por todos nós aqui presentes para que não cedamos à lei do comodismo e do me-

nor esforço, rezemos ao Senhor.

T. Senhor, escutai a nossa prece.

C. Para que a participação na missa nos leve a participar também no trabalho de nossa comunidade, rezemos ao Senhor.

T. Senhor, escutai a nossa prece.

C. Atendei, ó Pai, as nossas súplicas. Dai-nos a força de vencer o comodismo e a coragem de nos empenhar no trabalho para a transformação do mundo. Por Jesus Cristo, vosso Filho, na unidade do Espírito Santo.

T. Amém.

12. CANTO DO OFERTÓRIO

(Missa «Caminhamos juntos», L. Pires)

Estrilho: Sabes, Senhor, o que temos é tão pouco pra dar. Mas este pouco nós queremos com os irmãos compartilhar.

1. Queremos nesta hora, diante dos irmãos / comprometer a vida, buscando a união.

2. Sabemos que é difícil os bens compartilhar; / Mas com tua graça, Senhor, queremos dar.

3. Olhando o teu exemplo, Senhor, vamos seguir, / fazendo o bem a todos, sem nada exigir.

13. ORAÇÃO DAS OFERENDAS

Ó Deus de bondade, nesta Missa, vos oferecemos o corpo e sangue de Cristo pelo perdão de nossos pecados e louvor de vosso nome. Concedei que também nós saibamos perdoar nossos irmãos, e reconhecer em toda parte a vossa glória. Por Nosso Senhor Jesus Cristo. Amém.

14. CANTO DA COMUNHÃO

(Missa «Caminhamos juntos», Miria Kolling)

1. É bom estar juntos / à mesa do Senhor: / e unidos na alegria / partir o pão do amor.

Estrilho: Na vida caminha / quem come deste pão. / Não anda sozinho / quem vive em comunhão.

2. Embora sendo muitos / é um o nosso Deus. / Com ele vamos juntos, / seguindo os passos seus.

3. Formamos a Igreja, / o Corpo do Senhor; / que em nós o mundo veja / a luz do seu amor!

4. Foi Deus quem deu outrora / ao povo o pão do céu; / porém nos dá agora, / o próprio Filho seu.

5. Será bem mais profundo / o encontro, a comunhão, / se formos para o mundo / sinal de salvação.

6. A nossa Eucaristia / ajude a sustentar / quem quer no dia-a-dia, / o amor testemunhar.

15. ORAÇÃO DE AÇÃO DE GRAÇAS

Ó Deus, recebemos nesta Missa, como alimento, o pão da vida e o vinho da salvação, como sinal e garantia da vida eterna. Fazei que vivamos na unidade e na paz, para que vosso reino, presente em nós, se manifeste aos olhos de todos. Por Nosso Senhor Jesus Cristo.

16. DESPEDIDA (Antes da bênção)

A missa é nossa principal reunião semanal, e é também a fonte de santidade para todos os que crêem. Por isso, a missa deve irradiar seus frutos fora dos muros de nossa Igreja. Nossa Missa não pode terminar aqui. Continuará em nossa casa, em nosso trabalho, na medida em que o ensino de Jesus Cristo orientar nossa existência de cada dia.

IMAGEM FAMINTA DE SABER

1. Jornal do Brasil (11-12-75): «Mesmo com o anúncio prévio de que o número de vagas aumentou este ano, quase 18 horas antes do horário previsto centenas de pessoas, com marmitas e colchões, formavam filas ontem em frente aos colégios da rede municipal de ensino — principalmente na zona Norte e subúrbios — para garantir matrículas dos filhos nas classes de 1º grau e de alfabetização». Notícia é notícia. Fatos são fatos. Colchão é colchão. Marmita é marmita. Zedasilva é zedasilva, o sempre cordato e esperançoso, o sempre sacrificado e só.

2. Zedasilva, analfabeto ou quase, ama a sabença, ama a cultura que na sua visão de humildade consolada abrirá aos seus zezinhos e zefinhas as portas da sonhada felicidade. Pros filhos e filhas a cultura que ele nem zefamariadaconceição nunca tiveram nem terão. Pros filhcs e filhas o saber. Pros filhos e filhas a felicidade. E é por isso que zé e zefa levam colchão e levam marmita e levam esperança pra suportar um dia, dois dias, três dias com as noites de permeio, revezando-se no sacrifício, a incerta matrícula dos garotos.

3. Zedasilva é antes de tudo um forte. Forte no trabalho pesado que de madrugada o arremessa da cama, de casa, do bairro, da cidade para enfrentar no fim do mundo o pão de cada dia. Forte no sofrimento, suportado sem revolta nem desânimo. Forte sobretudo na esperança de melhores dias. Porque, apesar de todos os contrastes e confrontos, apesar de todos os mitos e metas, zedasilva ainda junta nalma gotas de esperança, gotas de alegria que o ajudam a enfrentar filas sem fim e falas sem sentido. Grande zé, enorme zefa! (A. H.).

MINISTÉRIO DA PALAVRA

HAVERÁ OPÇÃO?

As lições da História — Contribuição dos diversos sistemas — Nenhum sistema é perfeito ou definitivo — As lições das ideologias — Critério de julgamento — Um exemplo: o Nazismo — A Igreja não tem sistema político.

A FOLHA:

Se na sua opinião o Liberalismo/Capitalismo e o Socialismo/Comunismo são um fracasso, não trazem a solução para os problemas sociais, haverá outra opção?

D. ADRIANO:

Para o julgamento de que fracassaram tanto o Liberalismo/Capitalismo como também o Socialismo/Comunismo baseio-me na História. Isto não quer dizer que os dois sistemas antagônicos não tenham contribuído para o progresso da humanidade. Contribuíram e muito. Contribuem. Devemos considerá-los um fracasso, se forem apresentados — como de fato seus partidários apresentam — como a solução dos problemas sociais, como infalíveis, como definitivos.

Nem o Liberalismo/Capitalismo nem o Socialismo/Comunismo trouxeram a solução. Devemos mesmo dizer, com a história na mão, que nenhum sistema político foi jamais infalível nem definitivo. Os regimes vêm e vão. Nem mesmo as tentativas de regimes teocráticos puderam afirmar-se como válidos ou satisfatórios. É claro que podemos também, além do critério da experiência histórica, isto é: de como um regime ou sistema político se concretizou em determinado tempo e em determinado povo, usar critérios filosóficos e teológicos.

Tentemos uma explicação.

Certamente o Nazismo que dominou na Alemanha dos anos 30 e levou à derrocada o nobre povo alemão pode ser considerado um fracasso do ponto de vista da História. A História mostrou a fragilidade do Império Milenar prometido por Hitler e seus profetas. Mas além da História, que está selada definitivamente, era e é possível olhar o nazismo no seu conteúdo ideológico ou a partir de outra ideologia ou também da filosofia e da revelação cristã. A filosofia facilmente se deixa envolver pela ideologia, daí por que não faltaram filósofos que apoiaram o nazismo ou ao menos aspectos básicos do nacional-socialismo, entre eles, por exemplo, o grande Heidegger. Mas aspectos básicos do nazismo, por exemplo, a supremacia da raça ariana sobre todas as raças e daí combate às raças "inferiores" como judeus, ciganos, etc., até a solução final do extermínio — será que tais aspectos básicos e chocantes e profundamente desumanos não podiam ser entendidos como maus? Apesar de eventuais falhas e concessões, a revelação cristã está em condições de fornecer os dados seguros para julgamento de um regime político, de um

sistema econômico, etc., no seu todo ou em aspectos menores. A encíclica *Mit brennender Sorge*, de Pio XI, contra o nazismo, foi uma dessas declarações de princípios baseada no evangelho, como expressão da missão profética da Igreja. Claro, durante algum tempo foi possível duvidar ainda das intenções de Hitler e por isso houve, inclusive na alta hierarquia da Igreja Católica e da Igreja Luterana, quem esperasse uma correção de rumo. Tiveram razão os que desconfiaram do nazismo e o combateram desde o início, como por exemplo o grande bispo de Münster, von Gallen.

Também perante o Capitalismo e o Comunismo é possível abstrair da História, isto é: dos tipos históricos de Capitalismo e de Comunismo como foram ou são concretizados e analisá-los no seu conteúdo ideológico. A Igreja, que não tem um regime nem um sistema político como estritamente seu nem como absoluto, mas é uma dimensão do reino de Deus e da história da salvação, está em condições, por seu múnus profético, de refletir, de observar, de analisar e de julgar uma ideologia e, quando é o caso, os sistemas e os regimes e os governos que uma ideologia inspira. A Igreja nunca poderá engajar-se nem tampouco sujeitar-se a um determinado sistema político, como gostariam de conseguir todos os regimes ditatoriais e afins. Livre, a Igreja está em condições de olhar com olhos proféticos os diversos regimes e sistemas. Sua dimensão ética, mais: sobretudo sua dimensão salvífica que, para nós cristãos, é apesar de tudo garantida pela assistência do Espírito Santo, fornecem à Igreja os critérios objetivos para condenar em parte ou no todo, também para apoiar em parte ou no todo um determinado momento político. Mas sem comprometimento, sem engajamento. Repito que todos os sistemas absolutizantes tentam por todos os meios dominar e engajar a Igreja.

A FOLHA

Ano 4 - 14 de Março de 1976
Nº 199

Publicação Litúrgica sem fins lucrativos da
Mitra Diocesana de Nova Iguaçu.

Mitra Diocesana de Nova Iguaçu.
Rua Mal. Floriano Peixoto, 2262.
Caixa Postal 22.
26.000 Nova Iguaçu, RJ.

Utilidade Pública — Lei 6.311
de 25 de setembro de 1970.

Composto e impresso nas oficinas gráficas
da Editora VOZES Limitada. Petrópolis, RJ.